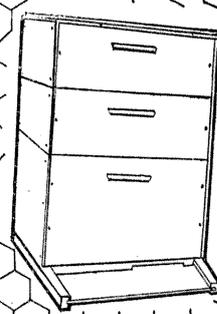


A Colméia



ANO 1º. — SANTA MARIA, 1.º DE FEVEREIRO DE 1972 — Nº.7

Jornal Técnico de Apicultura, Agricultura. "Cultura e História" — Edição Mensal
Térmo de deposito do registro Nº. 1078 - Assinatura anual: Cr. 10,00 - End. tel. «A COLMÉIA»
Proprietário, Diretor e Editor: Bruno Schirmer | Sub Diretor: Lenhart Robert Schirmer
Rua Duque de Caxias 1295 | Rua Garibaldi, 1086
97.100 Santa Maria - RS. - Brasil | 90.000 - Pôrto Alegre - RS.

EDITORIAL

Como acontece sempre, o nº 6 de "A Colméia" circulou pontualmente para todo o mundo. Chamo a atenção daqueles, à quem fôr enviado o jornal, assinantes ou não, para lê-lo de ponta a ponta, porque através desta leitura, os mesmos ficam sabendo o que é apicultura e porque apicultura.

Há 20 mil anos que se sabe através da História, que os homens dedicam-se à apicultura. Existem no mundo, conforme o Prof. Dr. Ludwig Armbruster, seis mil obras, livros de apicultura de grande importância, centenas de revistas e algumas com mais de 100 anos de circulação ininterrupta.

O que temos no Brasil? Somente "A Colméia". Assim mesmo, ainda há apicultores e Associações que não têm Cr\$ 10,00 para pagar uma assinatura anual.

Em cada exemplar há uma aula, que vale mais de Cr\$ 10,00.

Creio que a luta de esclarecimento, "o porque" da destruição da nossa apicultura e da nossa abelha Cárnica Brasileira chegou

quase ao término. Falta somente o comentário sobre os artigos do Dr. Coriolano Caldas, Arménio Barroso e o Dr. Ronaldo Mário B. da Silva, que somente poderei fazer mais adiante, para depois seguir com os artigos que recebi da Alemanha, profundamente científicos e práticos.

Visto que logo vou partir numa viagem para fins de pesquisas apícolas, entregarei a Direção de "A Colméia" dos próximos números ao Sr. Lenhart Robert Schirmer, meu procurador e meu sucessor por testamento. Em razão disto os números futuros sairão sob sua inteira responsabilidade. Não obstante; a correspondência com a diretoria continua normal.

Uma coisa é certa e pacífica não decepcionaremos os nossos leitores e assinantes, "A Colméia" continuará, porque nasceu para viver e mediará a apicultura nacional doente. Esta é a meta da "A Colméia". Obrigado.

O Diretor.

FALANDO DE LIVROS

Disse o Barão August von Berlepsch: "Estude teoria, senão você será sempre um pobre prático".

Eis os livros novos que apareceram e que "A Colméia" recomenda:

1 - Manifestações sobre apicultura - Horst Stern - formato grande, 96 páginas, 30 chapas a cores e 20 figuras preto e branco, o qual interessa a todos, leigos e apicultores e não devia faltar em nenhuma biblioteca particular. Custa D.M. 17,80, Edit. Kindler - Munique.

2 - Assinatura Anual do Allgemeine Deutsche Imkerzeitung - D.M. 10,00

3 - Assinatura Anual do Nordwest Deutscher Imker:

4 - Haltung und Zucht der Biene Prof. Dr. Enoch Zander - 140 figuras, nova revisão pelo Prof. Dr. F. Böttcher - D.M. 38,70;

5 - Beute und Biene (Colméia e Abelhas) - Livro americano, traduzido para o alemão - 400 páginas, 200 figuras - Este livro de Soy A. Grout e Prof. Dr. F. Ruttner tem formato dicionário, encadernado, linho - D.M. 48,00.

6 - Heilwerte aus dem Bienen-volk - Edmund Herold - D.M. 16,80

7 - Kleine Bienenkunde, de Roland Jordan, um dos mais instrutivos livros de apicultura, 155 pág.

Estes livros poderão ser fornecidos pelo Delta Verlag K. G. 53 Bonn, Bad Godesberg. Postfach 182, Alemanha.

Pela First National City Bank pode-se efetuar todo e qualquer pagamento.

"A Colméia"

Continua nos próximos números

Limonada com mel, refrigerante insubstituível, delicioso e saudável.

WISCHRAL & CIA. LTDA.

VIDROS
ARMARINHOS
FERRAGENS
PAPELARIAS
LOUÇAS
PERFUMARIAS
CONSERVAS
MERCHESTOS
E MULEZAS em geral

CASA WISCHRAL
COMERCIO POR ATACADO
RUA DA CONCEIÇÃO, 412
PORTO ALEGRE, — R. G. S.
INSCRIÇÃO, 96/4.009
INSCRIÇÃO NO C.G.C. (M.F.) Nº 92.090.892/002
FONES: VENDAS 24.74.04
COMPRAS 24.72.50

Se você tem rainhas de abelhas européias, mansas. Combata as africanas da periferia, multiplicando os zangões no seu apiário. Use cera alveolada, para zagnões
Pedidos: CASA DO MEL

Rua Garibaldi, 1086
90.000 - Pôrto Alegre - RS.

Ensino da apicultura nas escolas primárias - Pioneirismo

O Governo brasileiro deve decretar o ensino da apicultura nas escolas primárias e secundárias como matéria obrigatória, visto o grande valor da apicultura, que é estimado em 60% na alimentação da humanidade.

Seremos os pioneiros

"A Colméia"

Excursão à Europa em procura da abelha *Nigra Apis Mellifica*

Cap. 6.

ra todo mundo. Pessoalmente vi uma guia de exportação ao Paraguai e Estados Unidos.

Não pude riar sabendo como funciona a máquina de extração do veneno...

Na primavera, cada colméia dá ao Sr. Koch 4 enxames, quando lotadas as 200 leva-as para os Ursais e no fim do verão escolhe 50 para invernar, sem tocar no mel das outras. Ele aproveita tudo, vende as abelhas vivas, prensa o mel, da cria faz ração para porcos e galinhas e aproveita totalmente a cêra, para vender.

Perguntei-lhe se êle faz somente uma colheita e quantos quilos de mel tira por colméia. Disse-me que não precisa mais de uma colheita e tira de 8 a 10 quilos de mel e mais um quilo de cêra.

Lá no apiário do mestre Koch vi uma colméia de palha, com 200 anos de ocupação pela família do apicultor, em perfeitas condições de uso. Ela tem as palhas amarradas com imbirá de raiz de carvalho, enquanto hoje, nos tempos modernos, amarram-se as colméias de palhas com taquara da Índia, que é mais dura que a imbirá e mais fácil de trabalhar.

A espessura da parede destas colméias é de 5 cm, para proteger contra o frio. Esta colméia é «rebocada» com argila e estêrco de vaca, passado com a mão, que parece do lado de fora com uma colméia de barro sêco. Por dentro é bem lustrada pelas abelhas e bem limpa.

O Dr. Walter Kaeser deu-me de presente uma colméia com 30 anos de uso constante, um legítimo Lüneburger Stülper, que trouxe com minha bagagem.

Após tôdas as explicações do mestre Koch, continuamos a visita aos Ursais de Lüneburg, onde fomos ver a apicultura migratória. Lá vi colméias de palhas, quadradas, com caixilhos, e sobre-ceixas; vi apiários móveis no chão, encima de dois caibros cobertos com plástico, amarrado com arame, uma caixa bem encostada na outra.

Eu queria ver a legítima abelha dos Ursais, a tal Heidebiene, como nos prometera de início o Imkermeister Koch, quando chegamos aos seus apiários. Ainda não vira a abelha Heidebiene, o que eu tinha visto nos outros apiários eram a abelha Cárnica e a bastarda Italiana.

Perguntei: «Afinal, onde o Sr., tem a Heidebiene que ainda não vi»? Quase caí sentado, quando êle me

respondeu: «Aqui, tôdas estas abelhas são Heidebiene!»

Fiquei quieto, o que eu vi por abelha Heidebiene, do mestre Koch foi uma bastardia da abelha italiana da pior espécie. Cheguei à uma certa distância e zás... Tomei duas ferroadas perto do olho direito, foi o prêmio por minha curiosidade.

Eu disse ao Sr. Koch, que fôra do Brasil para ver a abelha preta alemã e a sua sub-tribo, a abelha dos Ursais. Disse que voltava satisfeito, porém sem ver meu desejo realizado, realmente valeu a pena conhecer pessoalmente os Ursais de Lüneburg, que é realmente um só jardim florido no mês de agosto.

Eu e meus amigos regressamos, com nossos agradecimentos ao amigo mestre Koch.

Já era tarde, quase 19 horas, quando chegamos, fomos levar o mestre à sua residência meu amigo holandês levou-me à estação e êles ficariam num hotel. Chegamos juntos com o trem à estação, ligeiramente despedi-me dos amigos, tomei minha valise e corri para tomar o trem.

O chefe de trem viu que eu corria afobado e segurou a partida do trem, fiquei-lhe muito agradecido. Mostrando a carteira mensal, dei-lhe um cigarro da Bahia (charuto), do Brasil, como um dos melhores cigarros do mundo (o cigarro chamam de cigarete e o charuto chamam de cigarro). Êle agradeceu e disse que levaria para o seu maquinista.

O trem corria bastante, quando avistei, numa lavoura um navio navegando em alta velocidade. Esfreguei os olhos e perguntei: «O que é isto?» Os passageiros me responderam: «Passa por ali o Weser — Elb Kanal, que daqui não se vê a água. É um canal que liga o ri Weser ao ria Elba, na baixa Saxônia, com bastante profundidade e largura, onde podem se encontrar e passar sempre dois navios, como êste que passou.

Já era noite, quando voltei ao Hotel Nanover, após um dia muito movimentado. Naturalmente aqui não está registrado tudo o que se passou naquele dia.

Dia 19/8/66 :

Antes das 9 horas voltei ao Instituto, afim de continuar a palestra sobre abelha, do dia anterior. Disse ao Dr. Kaeser, que voltara dos Ursais e não vira a Heidebiene, o que vi lá, foi a abelha Cárnica e a maioria abelha bastarda italiana. Ao meu ver a abelha preta alemã foi extinta pela abelha italiana. O Dr. Kaeser lamentava-se dizendo que era assim mesmo.

Fomos ver a fábrica de colméias. Seja dito de passagem, que a maioria dos Institutos de Ciências

Apícolas, tem uma bem montada fábrica de colméias, com o fim de ensinar aos alunos a fabricação das mesmas.

Em nenhuma destas fábricas, vi maquinaria melhor do que as nossas. Em Celle vi o Dr. Kaeser trabalhando com a plainadeira, com o suor correndo pelo rosto, cobrindo-lhe o corpo de pó, enquanto eu me afastava, para não sujar-me de pó.

Estas colméias que fabricam lá, não são uniformes, são de tipos diferentes. Em comparação, o primeiro Instituto que visitei foi o de Hohenheim, em Stuttgart, onde há uma bemmontada fábrica de colméias, que fabricam o Hohenheimer «Kipp-Magazin».

Esta colméia, com ninho e duas ou três melgueiras de meia altura, tem um dispositivo, ligada uma parte na outra, com dobradiça, na parte da frente, aliás, uma boa invenção. Com uma vareta de ferro, enfiada em cada melgueira, de maneira, que tirando a tampa, pode-se examinar a melgueira de cima. Após o exame fixa-se a tampa com os ganchos, põe-se a vareta de ferro no lugar pré-destinado e levanta-se a primeira melgueira, para examinar a segunda, e assim subsequentemente, até levantar a última melgueira, para examinar a incubadora ou câmara de cria.

Após tudo isto anotado no registro da respectiva ficha, volta-se à ordem, com o re-inclino para o lugar primitivo, para examinar a colméia seguinte.

Uma das melhores colméias fabricadas na Alemanha, não se admira que custe, com tôda ferragem montada e pintada, nada menos do que Cr 200,00, enquanto nós vendemos no Brasil uma colméia muito mais prática por Cr\$ 60,00 e o comprador se assusta com o preço.

Enquanto o Dr. Kaeser trabalhava como um peão, suando, eu de lado, à uma certa distância, estava pensando onde e em que ponto estava a apicultura brasileira, já que o destino de minha viagem era ver o desenvolvimento da apicultura europeia.

Em muitos apetrechos de apicultura, por instinto, eu introduzi muita coisa, muita melhoria do que vi lá na Europa. O soldador de cêra o fumigador a prensa de prego caixilhos,, as prensas de pregar o resto das colméias, o núcleo de fecundação de criação de rainhas, são incomparavelmente melhores. Naturalmente, sobre nada disto falei, para não parecer pretencioso se falasse creio que ninguém acreditaria. Só calando, subiu meu crédito. Quem fala muito, mente alguma coisa.

O Dr. Kaeser é um dos principais cientistas do mundo apícola e

Apicultores sigam-me, reergueremos a apicultura brasileira

em certos assuntos êle é a maior estrêla apícola mundial, como pude constatar posteriormente. Como senti, nós não podemos ter um Dr. Kaeser na apicultura do Brasil. Êle é um solteirão, pensa e fala em apicultura, não tem tempò disponível para se dedicar inteiramente à uma família própria, além de sua mãe, que atualmente reside longe de Celle, em uma cidade da Floresta Negra, onde o encontrei novamente, em fins de agosto de 1966.

Mais tarde, continuamos a conversar sôbre as abelhas italianas da Bologna (Itália), cujo estabelecimento de criação de rainhas é bem controlado. Porém, pureza, «pedigree» de raça, lá não existe, as rainhas já vem bastardas, porque com um certo cruzamento com a Cárnica, a Italiana fica mais produtiva.

Perguntei se os apicultores em geral, não podem manter o cruzamento neste ponto, como é natural, o que aconteceria depois? «O que o Sr. viu, uma bastardia lamentável», foi o que o Dr. Kaeser me respondeu.

Pedi-lhe que contasse alguma coisa sôbre sua viagem no Cáucaso, perguntei-lhe que côr tinha a abelha Caucásica. Respondeu-me: «Nenhuma côr definida, em certos pontos existe a Cárnica-Caucásica, cinzenta; a Caucásica, amarela e a Caucásica mista. Fui sôzinho de automóvel, visitei muitos estabelecimentos apícolas, os russos dão muito valor à apicultura. Lá existem estabelecimentos de seleção, criação e exportação de rainhas.

No Cáucaso foi o ponto de encontro pré-histórico da abelha Cárnica com a abelha Anatólica, formando uma nova raça, que em nada se iguala à abelha Cárnica.

Lá no Cáucaso existem abelhas agressivas, que não merecem o nome de «mansas» e falam por aí, da mansidão desta abelha».

Falamos sôbre a fábrica de divisas da Bologna, exportando rainhas italianas puras (mais tarde tive ocasião de verificar a bastardia nas rainha recém importadas).

Sôbre impressões pessoais da viagem do Dr. Kaeser ao Cáucaso, nada tenho para comentar aqui.

Continuamos conversando até o meio-dia, quando fui convidado para o almoço e após, o Dr. Kaeser levou-me à estação, onde embarquei para Erlangen. De Celle à Erlangen são 515 km de distância.

Cheguei às 19,00 horas em Erlangen, fui ao Hotel am Eichenwald, perto do Instituto de Apicultura, telefonei ao Dr. Böttcher, anunciando minha visita, perguntando-lhe se tinha tempo para receber-me no outro dia.

Dia 20/8/66 :

As 8 horas fui à pé ao Institu-

to, lá assisti a introdução de rainhas em núcleos de um favinho para fecundação no campo, Posto Oficial de fundação, seleção de zangões cárnico.

O Posto Oficial de fecundação fica em geral numa clareira no mato, ou campinho, na encosta do mato, ou ainda numa serra, onde tem na redondeza de 20 km, sômente abelhas da mesma espêcie ou raça belhas da mesma espêcie ou raça minadas artificialmente com um aparêlho especial, clorofirmizadas antes da inseminação com o sêmen de 6 zangões de uma só vêz.

Após esta inseminação é cortada a asa destas rainhas, para evitar um eventual vôo nupcial no dia seguinte da inseminação artificial. Com uma rainha inseminada, pode-se criar até 2.500 novas rainhas no máximo.

A inseminação artificial é feita sômente para criar as matrizes pedigree ou também as matrizes híbridas. As rainhas híbridas em tôda parte são fecundadas no vôo nupcial ao natural (nada de inseminação artificial).

Após estas palestras, com o chefe, enquanto o mestre e o aprendiz apícola enchiam com uma concha 100 núcleos, encostando um ao lado do outro, começaram a introduzir por um orifício, as rainhas virgens, naturalmente uma em cada núcleo-zinho para ser levado à tarde ao posto de fundação, onde cada núcleo-zinho é colocado em um poste de 1,20 m de altura. Então recém é retirada a rôlha, que fechou o orifício e logo os zangões começam a rodear as princezinhas, que do dia seguinte em diante começarão a sair, primeiro para um vôo de orientação, repetindo-o diversas vêzes, até que enfim se acha orientada para poder voltar para casa.

Então a princesa voa mais longe, em busca do noivo, o zangão e no momento do contato sexual, o zangão morre no mesmo segundo, com cambalhotas no ar. A rainha se livra do cadáver, arrancando-lhe todo órgão sexual e volta para o núcleo. Após a limpeza, dos restos mortais do zangão e após umas horas, a rainha empreende outros vôos de fecundação.

Quantos vôos de fecundação uma rainha empreende, não se sabe ainda ao certo, duas ou três são vistos. O Prof. Dr. Böttcher, chefe deste Instituto, disse que foram constatadas 8 cartuchos, isto quer dizer que existem provas microscópicas, que uma rainha teve 8 cópulas, porém sempre uma em cada vôo, que pode ter outra sômente após a limpeza.

Quem viu primeiro uma rainha entrar fecundada com os sinais que

elt trazia de arrasto, foi o Dr. Johannes Dzieron (o Maurício Metterling escreve na sua formidável obra, que uma rainha é fecundada uma vez na vida, que hoje em dia esta teoria já muito superada e reprovada.

Após tôda esta conversa, o Dr. Weiss, assistente do chefe, mostrou-me o museu, ajudou-me a fotografar as diferentes colméias legítimas da Cárnica, as colméias de palha, e retrato do Dr. Zander e o retrato pintado do Dr. Johannes Dzierzon, dedicado à sua irmã, conservando em acêrvo histórico deste Instituto.

O que mais me impressionou foi uma rainha artificial, de plástico, com as respectivas colorações dos órgãos internos, cujo tamanho da rainha tinha a proporção de mais de um metro de comprimento, para representar a nitidez dos órgãos internos.

Ainda visitei a biblioteca, quase tôda a tarde, que era chuvosa. A biblioteca é grande, contém diversos milhares de exemplares de livros e revistas encadernadas. Depois fui ao hotel, apontei o diário e quase à noite, o Dr. Böttcher e esposa levaram-me a um restaurante no centro da cidade, jantamos e conversamos mais um pouco.

Voltamos altas horas da noite, dormi e no outro dia fui à Nüremberg.

Dia 21/8/66 :

Em Nüremberg, assisti a um culto protestante, e uma igreja ecumênica, que existe desde o tempo da Reforma, as duas religiões ocupam esta igreja, cada uma respeita o horário da outra.

Em Nüremberg, visitei sômente a cidade, a qual é grande e bonita, para mim tudo estranho. Perto da noite embarquei para Stuttgart, em linha reta, sempre conversando com meus vizinhos de trem.

Em Fürth tivemos que fazer baldeação e esperar outro trem, deu para visitar uma passagem de Untergrund, como há em tôdas as estações. Contaram-me que numa destas passagens, refugiaram-se, durante a guerra, 200 soldados, contra um ataque aéreo. Uma bomba americana, com tão certa pontaria penetrou na entrada do Untergrund, despedaçando os 200 soldados e hoje se vê uma grande chapa de bronze, com os nomes das vítimas.

Depois de algumas horas de viagem, estava, pela 4ª vez em Stuttgart fui a um hotel na rua Nekarstrasse. Numa rua paralela à esta, visitei uma serraria de madeira, cujos troncos alguns de 15 m de comprimento, são «manejados» com guindastes. Os troncos passam inteiros, pelo conjunto de serras, em uma passada é serrado tôda árvore,

PLANTE ÁRVORES. Sem abelhas não teríamos flôres, e sem flôres não teremos abelhas

da espessura desejada, depois o guindaste com automáticas mãos de ferro pega este conjunto serrado e o deposita em um lugar predestinado, com sarrafos de separação para secagem.

Na Alemanha, no mato, quando há uma árvore frondosa demais, esta é desganhada, serrada com serra tipo espada, bem rente ao chão, cuja queda é dirigida, para não prejudicar as outras árvores. São respeitadas as árvores nos parques, nos campos, que são históricos ou milenares, como vi um carvalho, na Lüneburg Heide, histórico, com 1.100 anos de idade.

Naquele mato de carvalho de Erlangen, existem carvalhos com 1 m de diâmetro. Neste «parque de carvalhos», como nós dizemos, não há nada mais do que carvalhos, não são como nos parques no Brasil, que tem quase todas espécies de plantas, centenas de variedades.

Dia 22/8/66 :

De manhã, às 9 horas, fui visitar meu amigo Andris. Pedi informações ao Sr. Andris, para indicarme onde eu poderia comprar melhor e com certo desconto, alguns objetos de uso pessoal, como duas máquinas fotográficas, um gravador portátil Phillips, um projetor simples para «slides», uma máquina portátil de escrever e mais uns presentes para dar aos familiares.

Gostei muito da pedra de âmbar. O âmbar é do Mar Báltico, que é uma resina petrificada há milhões de anos, em cuja resina se prendeu ou se colaram fósseis de insetos, que aparecem dentro do âmbar.

Existe, num museu, uma pedra de âmbar com uma abelha inteira, bem conservada, petrificada. No interior da maioria dos âmbar existem asas de insetos. Quanto mais cheio de insetos fôr o âmbar, mais valor ele terá. Há uma crença, que diz que um colar de âmbar cura doenças da garganta.

O Sr. Andris pediu à sua secretária que me acompanhasse, me levasse até à «casa do âmbar», em Stuttgart, uma casa comercial de jóias de âmbar, onde há toda espécie destas jóias.

Chegando lá, pedi à secretária (não trazia nenhum anel no dedo), que ajudasse-me a escolher um anel para minha filha, que tinha um dedo mais ou menos como o dela, cujo valor podia ser do agrado dela.

A secretária, Srta. Ilse Munker, escolheu o anel, acertou a medida e o gosto. Eu disse à proprietária e vendedora da casa, que tirasse a nota, e o embrulhasse para presente. Paguei em separado 47,00 marcos, uma quantia muito modesta.

Tomei o embrulho e o dei à Srta. Munker, com as seguintes palavras: «Tome este presente, como recordação minha, daqui há uns dias não

nos veremos mais. Use este anel diárriamente enquanto ele durar. A Srta. foi muito modesta na escolha, eu lhe agradeço, pelo que a Srta., juntamente com seu chefe Andris, fizeram por mim. Agora, pode voltar ao Ministério, amanhã chegarei lá.

Fiz minhas compras (dos Bernsteins), tudo modesto, conforme a nota constante em meu arquivo.

DIA 23/8/66 :

Continuei comprando, comprei, inclusive óculos novos, graduados, na própria ótica mais moderna.

Neste dia recebi de presente do Ministério da Agricultura, um cartão para passear aos pontos turísticos da cidade, das 14 às 18 horas,

Continua no próximo número

COMO ORGANIZAR UM APIÁRIO

1 — Todo sucesso da apicultura depende de uma boa colméia, moderna e mobilista, onde um enxame de abelhas possa se desenvolver de acordo com a natureza e bons conhecimentos técnicos.

2 — A colméia não deve ser comprida e estreita, pois contraria o desenvolvimento harmônico da ninhada. Já existem minuciosos estudos sobre os diferentes feitios de colméias: 44 cm de comprimento, 33 cm de largura e 29,5 cm de altura.

3 — Escolher uma boa abelha. A melhor abelha, é a que está aclimatada e se encontra espalhada em nossos matos, de cor cinzenta escura, confundida com preta, é a Cárnica.

4 — A povoação da colméia mobilista se faz por intermédio de enxame (quando tem), e por meio de transplante de uma colméia rústica.

5 — A colméia rústica, ou caixa de abelha, devem ser abolidas o quanto antes.

6 — Uma colméia rústica quase nunca dá 10 Kg de mel por ano. Com uma colméia mobilista é comum se colher 80 Kg de mel ou mais por ano. Na colméia rústica o apicultor nunca pode examinar o estado de saúde e de nutrição e por isso morrem todos os anos grande quantidade de abelhas. Na colméia mobilista temos todos os favos dentro de caixas,

que podem ser retirados um a um para verificação.

7 — Para pegar um enxame, a colméia é preparada com antecedência. Os caixilhos devem ser preparados ou providos de lâminas de cera laveolada em pequenas tiras coladas na parte superior do mesmo, bem no centro do sarrafinho, senão as abelhas emendam os favos atravessando os caixilhos, impossibilitando o movimento. Com a lâmina de cera centralizada não acontece confusão na construção dos favos.

8 — O apiário, de preferência, deve ter um abrigo coletivo, com um carreiro de colméias. Em um estaleiro feito de dois caibros, com 5,5 m cabem 12 colméias. Quando tem dois andares, dificulta muito o trabalho.

A altura do solo deve ser de 40 cm e a coberta com telha de zinco é muito aconselhada, pois evita a concentração de inimigos das abelhas.

9 — Para pegar um enxame de abelhas na colméia mobilista, retira-se uns 5 caixilhos do centro da colméia, colocando ali o enxame, diretamente do galho ou por intermédio de um balde ou outra vasilha. Em seguida recoloca-se todos os caixilhos e tampa-se a colméia. Seis dias depois coloca-se encima da incubadora o 1º sobre-caixa, cujos caixilhos devem ser providos com lâminas inteiras de cera. Se a florada fôr muito boa, dentro de 8 dias pode-se intercalar entre a 1ª sobre-caixa e a câmara de cria, a outra sobre-caixa, com todos os caixilhos providos de lâminas de cera. Não é rendosa uma colméia que não tem duas sobre-caixas.

Bruno Schirmer

De Portugal - AS ABELHAS

Excelente jornal de apicultura
15 anos de existência

todos os apicultores brasileiros devem assinar este mensário, cuja assinatura anual custa somente 40 escudos.

Pedidos por intermédio de

A Colméia

CASA DO MEL

GELÉIA REAL E MEL PURO

IMPLEMENTOS PARA A
APICULTURA

ORIENTAÇÃO E INFORMAÇÕES:
APICOLAS - Rua Garibaldi, 1086 - P. A.

Afric. e cárnica não convivem.

São Paulo, 24 de outubro de 1969.
Dr. Ben Hur Marimon

Santa Maria — Rio G. do Sul

Prezado amigo, Dr. Ben Hur

Foi ainda sob a impressão causada pela formidável hospitalidade da gente gaúcha, que li sua desvanecedora carta. Tão desvanecedora, porque tão sensível era o calor da amizade que ela veiculava, que fiquei, até agora, sem palavras para responder...

Pondo agora o gracejo à parte: minha estadia entre os gaúchos foi uma experiência inesquecível, particularmente no terreno das relações humanas; passados já quase quatro meses, ainda me parece surpreendente que tenha, entre relativamente poucas pessoas com quem mantive contato, encontrado e conhecido tantas pessoas interessantes, amigas e de belo caráter, em tão pouco tempo! Entre as amizades que estreitei, e as novas, que aquela viagem me proporcionou, a sua ocupa uma categoria toda especial, pelas atenções com que nos cumulou, com aquêl calor e espontaneidade que parece uma característica da boa terra do Sul. Por isso, não tenho dúvidas de que nossa amizade será duradoura, alegre e mutuamente proveitosa.

As abelhas, que tão gentilmente nos cederam, chegaram em condições perfeitas. Malgrado tudo, entretanto, vieram a constituir nossa tentativa final de introdução de abelhas européias entre africanizadas.

A estória é triste, mas verdadeira: no dia imediato ao da introdução, digo, instalação da pequena colônia cárnica (a qual fôra aberta no fim da tarde, na véspera), um enxame «africano» também pequeno, vindo do mato, invadiu a colméia, desalojando suas legítimas ocupantes. Transferimos êsse enxame para outra colméia e tocamos as pretas de volta para dentro de sua casa. Pois bem, no dia imediato, o mesmo enxame voltou para a colméia das cárnicas e, desta vez, houve união espontânea das duas colônias. Verificando que a rainha cárnica não havia sido molestada, dedicamo-nos à tarefa de matar — à mão — uma por uma, «as abelhinhas amarelas», até que somente restassem as cárnicas.

Colocamos tela excludora na entrada da colméia e deixamô-la em paz. Essa paz, contudo, pouco durou, pois passado um dia, nôvo enxame invadiu a colméia e desta vez, peloteou a rainha. Livramos a rainha das peloteadoras, coloca-mo-lo em gaiola e matamos ou dispersamos tôdas as abelhas africanas invasoras; no seguinte dia libertamos a rainha.

Veio o fim da semana e, na inspeção feita dois dias após, encontramos nôvo enxame instalado na colméia e, desta feita, a rainha cárnica estava morta (as abelhas não puderam removê-la, em vista da tela colocada na entrada).

Êste episódio não é excepcional, mas representa o coroamento de uma série de casos análogos. Nos últimos anos temos introduzido em nosso apiário, rainhas italianas, caucasianas, cárnicas importadas e, agora, cárnica nacional e os resultados não tem sido compensadores: ou a colônia é invadida e a rainha peloteada, ou a rainha é eliminada logo, pelas abelhas da colônia receptora, ou permanece algum tempo e acaba eliminada pelas próprias filhas (Provavelmente induzidas a êsse comportamento por algumas abelhas «africanas» que se insinuem na colônia, visto que sempre as encontramos). Fazia-nos observar o que sucederia com a cárnica nacional, a qual esperávamos pudesse manter-se, particularmente vindo uma colônia completa e isenta de africanas. O resultado, porém, foi aquêl que vimos de relatar.

Nossa conclusão ou opinião no momento é esta: é possível manter-se abelhas européias puras em São Paulo, desde que se controle rigorosamente a região à volta, no raio de 20 quilômetros impedindo o estabelecimento de colônias africanizadas na área e prevenindo o ingresso de novos enxames, de fora para dentro, por todos os meios possíveis. Em outras palavras: não cremos no «contrôle biológico» exercido pelas «européias» sobre as «africanas»; ou ainda, na possibilidade da «desafricanização» pela criação pura e simples de européias; ou ainda, na possibilidade de produzir-se uma «mestiçagem favorável» pela infusão de sangue europeu em uma área dada. Em suma, podemos dizer: a européia não concorre com a africana.

Assim sendo, o que penso que se deva fazer? A resposta — e lembro ao amigo de que ela se refere ao Estado de São Paulo — é: nas condições atuais, de africanização consumada e cabal, o desafio verdadeiro é o aproveitamento do material existente. Um apicultor de nossas relações lembrou u'a máxima pertinente: «quando não podemos com o inimigo, devemos nos aliar a êle». É certo que ela não traduz tôda a verdade, porém certo é, também, que ela é fértil em entrelinhas. Podemos pensar, por exemplo, nestas: vamos nos aliar, isto é, não vamos sucumbir; vamos nos identificar com o inimigo, a fim de ter acesso às suas fraquezas; vamos ceder no acessório, a fim de reter o essencial; vamos assimilar um pouco sua na-

tureza, a fim de aprendermos a utilizar sua própria força à serviço de nossos interesses.

Certamente esta carta não comporta uma discussão analítica da problemática «africana» da nossa apicultura, por isso, sequer exporei qualquer idéia a respeito; contudo, pretendo apresentar algo em Florianópolis, no próximo dia 3, se puder viajar (o que por ora não sei ainda).

Quanto ao que ocorrerá no Rio Grande do Sul, tenho, atualmente, a impressão que, situando-se êsse Estado próximo ao limite da extensão da área geográfica favorável à essas abelhas, na América do Sul, os fatos aí se desenrolarão de forma diversa do ocorrido em São Paulo: ao fim de muitas gerações, quando atingido o estado de equilíbrio, as abelhas «africanas» darão origem, em algumas regiões, a um tipo bastante intermediário (em São Paulo, o tipo das africanas é cerca de 80% africano e 20% europeu, para grande número de caracteres); e nas restantes, de clima mais temperado, permanecerão as cárnicas quase sem alteração.

Repito: trata-se de uma conjectura provisória, baseada nas observações que tenho feito e na média de muitas opiniões, que recolhi até agora.

A colméia Schirmer que troxemos já está pintada e integrando nossa coleção de tipos de colméias. Ficou-me, porém uma dúvida em relação à ela: trata-se da colméia Schirmer original ou de um dos tipos posteriores, como a tropical ou a temperada?

Não fui à Alemanha e, mesmo não me empenhei para tal; considero nossa participação em conclaves dêste tipo, internacionais, por ora, útil, porém não relevante, visto que pouco temos a oferecer e, de outro lado, temos de obter a solução de nossos problemas aqui mesmo; no mais, tudo o que se obtém de trabalhos feitos em qualquer parte do mundo está sempre ao nosso alcance, por via bibliográfica.

Quando estiver para vir à São Paulo, conforme intenção manifestada quando de nossa estada em Santa Maria, peço que me comunique dia e horário de chegada, para que eu possa receber o amigo e tentar reduzir o débito de atenções; de qualquer forma, pondo de parte tôda idéia de gratidão, terei a maior satisfação em lhe acompanhar durante sua estada aqui.

Já tive oportunidade de utilizar a coleção de «slides» que recebemos do Sr. Bruno, no curso de apicultura relativo ao segundo semestre de 1969. Posso dizer que utilizei-a com bastante proveito. Apenas tive al-

Continua na página 85

ABELHAS AFRICANAS

por Armenio Alvim Barroso

5.^a continuação

híbridas, colméias, cêra alveolada, instrumentos de desoperculação, carretilhas, arames próprios, véus, e muitos apetrechos para a prática de uma apicultura moderna. O Ministério atendia a muitos pedidos que chegavam de todo o país, que entravam em fila. Tal era a demanda. Havia que tomar vez para a compra de núcleos e rainhas, por ser realmente muito grande a procura. Os pedidos do interior, eram despachados pela via de preferência dos compradores, até de avião.

No seu posto de reserva, sempre a gente encontrava colegas que vinham comprar materiais, rainhas ou núcleos de abelhas, e era patente que a apicultura era uma atividade em expansão, recrutando, cada dia, novos seguidores. Por isto se deve, em maior parte ao Ministério, a larga difusão na *Apis mellifica* no Brasil, difícil de conseguir-se por iniciativa privada. Qualquer dificuldade de ordem técnica, na condução dos apiários, era atendida com ensinamentos dados pelo Ministério, em respostas, ou aprendidas ao vivo, numa visita à seção de apicultura. Com a saída do chefe da Seção Experimental de Apicultura, e a ocorrência simultâneas de loque nos apiários do Ministério, sobreveio, rápido, um relaxamento progressivo, cada dia mais acentuado, em tudo relacionado com a vida daquele departamento. A despeito de ser proibido aos funcionários de apicultura, terem abelhas, quasi todos as cultivavam para extração da Geléia Real, criar rainhas e abelhas, de que tudo vendiam. Hoje, não havia isto, amanhã não havia aquilo, a verba para essas compras não saiu, e uma série de outras causas era apontada como responsável pela carência que passou a imperar. Hoje, no Ministério, não ha dada sobre abelhas, para o apicultor comprar, nem sequer cêra alveolada, que ali se adquiria por troca de cêra bruta; com desconto de vinte por cento, porque, ao contrário da orientação de sempre, por último, qualquer pessoa podia comprar cêra alveolada na quantidade que quisesse, o que causaria como causou, a extinção das reservas de matéria prima para fabricação de cêra moldada. Porém nunca o setor de apicultura dispôs de verba tão grande como agora, segundo é voz corren-

te entre seus funcionários mais antigos.

No ano passado, houve reunião no Ministério, para debater o problema da abelha africana, que então, chegava ao auge da grita, repercutindo suas queixas na imprensa do país. Concluíram que a abelha africana devia ser sumariamente eliminada, com emprego de tóxicos. Transcorreu um ano sem providencias, e o caso tomou proporções muito mais graves, embora sem alardes ou percepção popular. Ultimamente, houve nova reunião e deliberou-se que a solução teria de ser a que primeiro ficara decidida: a erradicação. Para isto, o Ministério adquiriu ha pouco, copiosa quantidade de venenos, máscaras de proteção contra os efeitos de sua aplicação, bombas injetoras. Tudo se encontra empilhado nas dependencias da Seção Experimental de Apicultura. Entretanto dizem, a decisão de as matar por envenenamento, havia sido mesperadamente, sustentada porque, instancias superiores, acharam que a abelha africana nao devia ser morta e sim aproveitada para cruzamentos. Porém, nao se trabalha neste sentido. Enquanto o Ministério não decide trabalhar, vai trabalhando a abelha africana, com seus efeitos eliminatórios, não apenas na coletividade dos apicultores mas na apicultura do Brasil. Poderão dizer que fervemos em pouca água, ou que inventamos um mal que não existe. Pois veremos, dentro em pouco, com quem estava a verdade se eramos nós que tendiamos para o alarismo, se pretendiamos sobressair pela mão de Kerr, ou se o Ministério não deveria ter agido.

A idéia de ir em busca da africana, para acabar com ela, não é, positivamente, uma idéia luminosa, nem podia sair de pessoa ou pessoas com real conhecimento do assunto. Talvez, nem com o emprego das forças armadas, por numerosas e de vantajados recursos, se conseguisse acabar com esta abelha. Subindo-se a um monte elevado nas adjacências das grandes reservas florestais do país, o olhar abrange bacias vegetais, imensas como o mar e, aqui, está tudo infestado de enxames de africana, que diariamente se disparram para tôdas as direções. Se as reuniões do Ministério, em busca de solução para o problema da abelha africana, pudessem ser feitas aqui, neste promontório, e integradas por apicultores de reconhecida probidade e competência para contribuir com seus conhecimentos práticos, provavelmente estes diriam aos senhores cientistas do Ministério que

aqui vê que está a fonte do mal e que em semelhante labirinto, só haveria êxito em combater-las, com a mobilização das forças armadas. Ainda assim, os resultados seriam ue erectos problematicos, diante da grandeza das florestas. Como a abelha africana nao ameaça a integridade nacional, o emprego de semelhantes recursos, e inviavel. Seria pinguice supor-se que o Ministério ou suas Secretarias de Agricultura, por todos os Estados, conseguissem alguma coisa que nao fosse queimar dinheiro, indo atacar a abelha africana em todos os lugares onde ela esta. O problema era para ser extirpado, mas como isso nunca mais sera possivel, e menor lutar por uma solução razoavel do que cruzar os braços a sua ocupação. Talvez surtisse êxito, espantar, pelas matas isca ou chamariz que as atraisse para a morte, mas, tal opção, seria, além de insegura em seus êxitos, capaz do aniquiamento de outros himenópteros uteis, através dos quais se opera uma polinização devesa a *apis mellifica*, com prejuizos futuros para a silvicultura. Estudamos, então, nos apicultores, à frente de um problema agudo, em que sobressai, com aspecto mais grave, o fator concorrência, contra o qual não há meios eficazes de luta, senão, ainda que precariamente, pela introdução no país, de raças ou híbridos que, competitivamente, possam opor-se à africana. Seguidamente, haveria que atender-se fornecendo rainhas fecundadas a quem nao pode cria-las, maior numero dos apicultores. O Ministério precisa, sem perda de tempo, dar a mão à apicultura cambalente do Brasil, e pode, se êle quiser, fazê-la ressurgir. Para isto, que não é muito trabalhoso, nem dispendioso, tornava-se imprescindível, com urgência urgentíssima: a) repor a Seção Experimental de Apicultura, na sua antiga orientação, ou, dar-lhe semente a aos saudosos tempos do Ministro Apolônio Sales; b) importar, rapidamente, matrizes para criação de rainhas, acelerando sua criação em grande escala; êste particular, o Ministério deveria seguir, na obtenção de matrizes, outro critério, não importando apenas matrizes italianas, mas outra raças comprovadamente superiores. Seria um argumento tôlo, opor restrições a outras raças de abelhas incomparavelmente superior à italiana, como a caucasiana, a sahariana, a carniola ou os insuperáveis híbridos Starline e Midnite. Tal superioridade, está provada há muito tempo. Elas se adaptarão às condições do Brasil, porque existem, com sucesso, aqui nas Antilhas; c) levar ao conhecimento dos

apicultores, pela imprensa de todo o país e até pela Voz do Brasil, da reabertura do Pósto de Revenda do Ministério, onde, como antes pudessem o apicultores voltar a comprar rainhas fecundadas, núcleos e tudo sobre abelhas. Seria maravilhoso, se o Ministério, ao abrigo dos auxílios da Aliança para o Progresso, ou do Ponto IV (ou coisa que valha), pudesse conseguir com o governo dos Estados Unidos, a colaboração de técnicos de entidades científicas norte-americanas, que aqui viessem fazer e ensinar, a inseminação artificial. Com isto acabariam os perigos da interferência dos zangãos africanos na fecundação natural. Estas providências, parecem-nos as mais racionais, simples e viáveis. Assim como cabe ao Estado atender as situações de calamidade pública, cabe ao Ministério da Agricultura atender à calamidade da abelha africana. Se estas providências não forem tomadas, porque julgue o Ministério da Agricultura, que a abelha é coisa sem importância, é quase certo acontecer à apicultura do Brasil, o que, em passado, recente aconteceu na França aos seus coelhos do monte, que, por comerem sempre a trabalhosa horta de um senhor, êle os inoculou de um tal virus, que êste se alastrou contaminando os demais pelos montes havendo êste país de comprar coelhos fora, para repovoamento do seu território.

Para quem conhecer como nós, as instalações da apicultura do Ministério, tudo tão grande, quase sumptuoso, que poderia, até, ser um motivo de turismo e um contáto dos mais proveitosos para a juventude do Brasil, especialmente a escolar, é uma lástima, ou melhor, é uma vergonha que tudo ali esteja assim parado como está, numa ruminção revoltante, ante as chamas que se aiteiam e devoram a apicultura do país. Que falta, afinal, ao Ministério, para por a Secção Experimental de Apicultura, em regime de trabalho produtivo, útil aos apicultores e ao Brasil? Falta gente? Faltam conduções? Faltam instalações? Faltam materiais? Falta verba? Não falta nada destas coisas, senhores. A apicultura do Ministério, tem de tudo isto, em abundância e qualidade. Porque, então, está emperrado êste departamento, e não dá sua contribuição ao progresso da apicultura brasileira, como lhe cumpria e para o que foi criado, e permanece em serena quietude, com seus lindos pavilhões servindo apenas (luxo caro!) de moldura arquitetônica ao seu frondoso bosque de eucaliptos?

Trabalham nesta Secção Experimental de Apicultura, uns vinte funcionários, entre ajudantes, técnicos e burocratas. Todos, pouco mais dão do que presença aos seus cargos, nos

horários de serviço, porque na realidade, não se lhes destina o que fazer. Entre seus salários, e os salários-famílias (quase todos os funcionários têm prole numerosa), o Ministério gasta com êles, por mês, mais de vinte milhões de cruzeiros, sem incluir o valor locativo das boas residências em que moram, ali, junto, de grande monta se seus aluguéis fossem atualizados.

Quem mantém contato com apicultura do Ministério, tenha olhos de ver, e entenda do assunto, dá-se conta, prontamente, que ali não há direção. Por isto, era preciso preencher o cargo de chefia, por pessoa que, realmente, entendesse de abelhas, que amasse esta atividade para impulsioná-la, que quisesse bem ao seu país, com ufanismo, mas, sobretudo, que cumprisse o seu dever funcional, fôsse brioso e ansioso de trabalhar sem dispersão nem negligência, e pela conquista de fácil grande expressão que o Brasil podia e devia desfrutar na apicultura mundial.

Há pouco tempo, à custa do Estado, funcionário superior da apicultura do Ministério, esteve meses nos Estados Unidos, em visita à grandiosa apicultura daquele país. Nunca soubemos, nem nada se publicou, sobre os proveitos desta viagem em benefício da apicultura do Brasil. Guardou, avaramente, na sua retina, a maravilha que deve ter visto, e, na memória, o que forçosamente deve ter aprendido.

Tudo corre por conta da vacância de uma chefia, positivamente atuante, do generoso paternalismo do Estado, do arrimo na condição de funcionario publico, tudo originando numa incontestável falta de patriotismo.

Quem vá hoje ao Ministério, não tem, para ver, senão salões de materiais apícolas empilhados, tóxicos para extinção de abelhas africana, máscaras contra gases, bombas injetoras, toneladas de açúcar, e, a pasmeira de todos aqueles funcionarios ociosos, falando de coisas impertinentes ao seu mister.

Presentemente, o Ministério vem comprando abelhas, às centenas de famílias, recorrendo longas distâncias (está hoje difícil encontrar abelha para comprar) e as conduz ao setor de apicultura, onde são transferidas para colméias e levadas para os apiários do Ministério. Aqui, se lhes introduzem rainhas e espera a comprovação de prole e a prosperidade das famílias, para dizer, depois se venderem núcleos.

No apiário do setor de apicultura, sem matrizes de qualidade, usam as matrizes que têm para fazer enxertia, e distribuem as realeiras por uns duzentos núcleos, muito bem arrumados, espalhados à volta

dos pavilhões, nos gramados. Mas, a ausência de competência e o cansaço da chefia, não promovem a eliminação de reprodutores africanos em torno (o que seria fácil) e sai nada que preste, nesta «criação» de rainhas, pela interferência de novento e oito por cento dos machos adansonii, na fecundação, e pelo diminuto valor das matrizes que usam.

Diz, quem por isto lá responde, que se espera o resultado da criação de rainhas, e da expansão das famílias, para, depois, levado o resultado ao conhecimento do chefe, êle decidir se vai, ou não, autorizar a venda de uma e outra coisa. A espera dos apicultores por esta oportunidade, vem sendo mais do que angustiante.

Pelo que se vê, e não pode ser contestado, porque a verdade nunca contestou, qualquer um apicultor que conheça na carne as carícias do problema, concluirá que a transfusão de sangue que Kerr quis dar e deu (desastrosamente!) na abelha preta, deve agora ser encaminhada ao Ministério da Agricultura, cujo setor de apicultura está, glosando Kerr, falta de produtividade. Totalmente.

Aqui ficam, nascidas do entendimento que temos desta profissão, e da observação e cicatrizes ganhas no trabalho com abelhas africanas, as verdades que, não vemos porque, não se pudessem dizer ao talento científico do senhor Kerr, quanto, levadas, em tom suplicante e respeitoso, ao senhor ministro da Agricultura.

O comodismo e o individualismo crônicos das pessoas, ante certos problemas, tem de ser combatido. Se o Ministério da Agricultura acordar, e quiser socorrer os apicultores, é só por gente comprovadamente entendida, e que tenha horror à displicência, na chefia da Secção Experimental de Apicultura, e, destacar, como responsável pela execução de suas ordens, ponto decisivo, quem entenda a fundo desta coisa de abelhas, o que não existe. Esta análise, teve por mira a grandeza do Brasil apícola, de que todos colheremos os benefícios. Seria incompleta e pouco elucidativa, se nos agachássemos, temporizando com o relaxamento crônico, mas remediável, que a mentalidade de certas pessoas apresenta.



Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a apicultura no Rio Grande do Sul

A imprensa do Brasil e especialmente a do Rio Grande do Sul, nestes últimos anos, trazem a público com relativa frequência notícias de ataques de abelhas africanas a animais e ao homem, os quais muitas vezes são de cunho trágico.

E como exemplo, citamos o lamentável fato ocorrido na Linha Trípoli, interior do município de Colorado, no Rio Grande do Sul, e que nos foi dado a conhecer graças a uma carta de um amigo, onde relatava a horrível morte do colono Riccardi Ferrari, pelas abelhas africanas, com mais de 3 mil picadas.

Este relato, notícias e outras ocorrências negativas que envolvem a apicultura no Rio Grande do Sul é que determinaram este Deputado a encaminhar requerimento, com o apoio Regimental de outros vinte Srs. Deputados, à Presidência da Assembléia Legislativa pedindo a constituição de Comissão Especial, para estudar o problema da Apicultura gaúcha. Entretanto, de acordo com a nova sistemática introduzida no Regimento Interno da Casa, relativamente as comissões especiais, formou-se uma Subcomissão dentro da Comissão de Agricultura e Pecuária, que é um órgão permanente.

Em 1º de junho do corrente ano foi instalada a Subcomissão, que ficou constituída pelos membros da Comissão de Agricultura e Pecuária: Deputado Ruben Scheid, Presidente; Júlio Brunelli, Vice-Presidente; Oscar Westendorff, Aristides Bertuol, Rospide Netto e acrescida deste relator.

DEPOIMENTOS

Ao longo de seus trabalhos a Subcomissão teve oportunidade de ouvir diversas pessoas envolvidas na problemática apícola do Estado — técnicos e apicultores. Quais sejam: Professor Hugo Muxfeldt, Engº Agrº Frederico Bavaresco, técnico responsável pela Direção da Estação Experimental da Secretaria de Agricultura, situada no município de Taquari; Sr. Antônio Trainini, Presidente da Confederação Brasileira de Apicultura e Presidente da Associação Gaúcha de Apicultura, que se fez acompanhar dos Srs. Dionísio Peretti, Heinz Willy Wiederspahn, Nicolau Mitsiolis, Lauro Schneider, Albino Castilhos, José Wesheimer e Vinícios Angelo Pastro.

Convidou-se também a colaborar com os trabalhos o Sr. Nestor Frederico Henn, Presidente da Federação das Associações dos Apicultores do Rio Grande do Sul, e mais os Srs. Bruno Schirmer, Victor Luiz Rodrigues da Silva, Luiz Ortigara, Alfons Niedermeier, Aldo Lon-

ghi, Victor Müller, Professora Heloisa Dias de Mello e mais uma centena de apicultores.

Passamos, agora, a transcrição de pequenos tópicos de depoimentos — diferentes personagens acima referidos, para melhor conduzir este Relatório, dado a significação dos mesmos:

Prof. Hugo Muxfeldt:

«O Rio Grande do Sul apesar de ser o primeiro produtor de mel, carecia de modernas técnicas do manejo apícola, ainda estão nas caixas rotineiras, nas caixas de sabão, de queirose, etc. e ainda hoje essa é a nossa apicultura. Que aconteceria se o Estado tivesse se mobilizado como o fez a República Argentina? O Rio Grande do Sul poderia abastecer o Brasil todo e toda a América».

Engº Agrº Frederico Bavaresco:

Diretor da Estação Experimental de Taquari: «Não há mel no Rio Grande do Sul, não há mel no mercado, porque o que existe é que as abelhas não produzem. E a causa determinante da queda de produção é a presença das abelhas africanas, abelhas oriundas do Continente Africano, agravado, ainda, com o fato de ser uma abelha que não se estava acostumado a lidar, e que as consequências disso é porque faltava uma rede de assistência melhor».

«A América do Sul perdeu com esse negócio. Varreu fora uma coisa boa e traz população apícola que nenhum país quis até agora e todos conhecem».

«Que estive recentemente no Paraná e Santa Catarina, nas cidades de Rio Negro e Mafra em uma reunião na qual faziam parte técnicos e apicultores, e na qual fazia questão de estar presente, e na oportunidade foi redigido importante documento, mostrando o caminho a seguir. O documento em referência diz o seguinte: (transcrição na íntegra). «A apicultura atual no Brasil, encontra-se diante de uma difusão ampla de abelhas africanizadas que por sua natureza demonstraram ampla capacidade de adaptação às nossas condições de meio ambiente. As abelhas chamadas africanizadas constituem fator de preocupação nas diferentes regiões do Brasil pela sua agressividade, principalmente quando em mãos de apicultores menos esclarecidos.

Diante desta realidade, em conclusão ao 2º Encontro Regional de Apicultura, realizado no dia 23 de maio de 1971, na cidade de Mafra, Estado de Santa Catarina, estudados os fatos verificados nas áreas em experimentação e também através das comprovações diretas realizadas

nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, os participantes aprovam e resolvem recomendar:

a) — seja promovida a seleção das abelhas existentes (Africanizadas) com a utilização de melhor material disponível dentro dos apiários racionais existentes;

b) — não recomenda a importação de rainhas de outras raças como solução do problema;

c) — na mesma oportunidade foi aprovado uma recomendação especial no sentido de ampla campanha de promoção, extensão e orientação apícola.

Mafra, 23 de maio do ano de 1971. Assinado: **Helmut Wiese**, Administrador do Projeto de Apicultura de Santa Catarina;

Paulo Gustavo Sommer, Presidente da Associação Paranaense de Apicultura e Chefe da Div. Técnica do INCRA no Paraná;

Ronaldo Mário B. da Silva, Chefe da Seção de Apicultura do Instituto de Zootecnia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo;

Antônio Both, Presidente da Associação Bandeirante de Apicultura — SP.

Frederico Damião Bavaresco, Chefe da Seção de Apicultura da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul.

No trecho do livro de atas da Federação das Associações de Apicultura do Rio Grande do Sul, encontramos a seguinte exposição feita pelo responsável pela Estação Experimental de Taquari, por ocasião da 1ª Convenção das Entidades Apícolas do Rio Grande do Sul, realizada no dia 26 de maio de 1967, na cidade de Rio Pardo:

«Que há pouco estive em São Paulo, Tiete, estudando «in loco» o problema, afirmando que estamos sentados em dinamite e que ninguém cuida do problema e que a apicultura gaúcha está banhada de sangue africano: ou os apicultores se instruem ou poem fogo em suas colméias. E que é indispensável que todos os apicultores cerrem fileiras no combate à africana, a fim de evitar-se a completa derrocada da apicultura riograndense».

Sr. Antônio Trainini:

Presidente da Confederação Brasileira de Apicultura e Presidente da Associação Gaúcha de Apicultura: «Esta abelha africana é considerada pela quase totalidade de técnicos brasileiros como inadequada a nossa apicultura, por ser muito agressiva, de baixa produtividade é comprovada fartamente pelas ocorrências que seguidamente todos os

jornais publicam como incidências e até acidentes fatais. A sua baixa produtividade é-nos comprovada pelo Boletim da CACEX, que nos informou que em 1967, importamos 85 toneladas de mel; em 1968, 128 toneladas; em 1969, 228 toneladas e, de janeiro a agosto de 1970, 212 toneladas. Nós produzimos e exportávamos para os demais Estados, antes destas datas, antes da africana, e após estas, ficamos reduzidos em importadores de mel. Arriscar a colher mel, um pouco de mel, levou a grande maioria a desistir desta cultura tão subsidiária e tão benéfica à agricultura».

Sr. Bruno Schirmer :

Apicultor em Santa Maria, inventor da colméia Schirmer e fundador do jornal «A Colméia»: Declarou-se frontalmente contrário à abelha africana, pois «ela trouxe a decadência à apicultura do Brasil». Em seu jornal «A Colméia», escreveu o seguinte: «Tememos ainda maior decadência da apicultura no Brasil, devido à doença importada junto com a abelha africana, que neste ano (1971) exterminou no Rio Grande do Sul 90% de nossas colméias e a colheita de mel em muitas zonas chegou a zero. A apicultura brasileira vai se sorguer novamente, quando em como não sabemos responder, sabemos que vai surgir dos escrombros, uma nova apicultura, com um chefe que saiba o que falta e como suprimir o erro do passado».

Sr. Lauro Scneider :

«Logo que chegaram as primeiras abelhas africanas, realmente ainda fizeram algum mel, mas depois degenerou. A africana se alastrou porque teve a ajuda de todos. Agora, se nós chegarmos a conclusão de que não é boa, será difícil eliminá-la».

Sr. Nestor Frederico Henn :

Presidente da Federação das Associações de Apicultura do Rio Grande do Sul, também ilustre Prefeito do município de Vera Cruz, foi taxativo ao afirmar que não há mel nos apiários gaúchos, as abelhas produtoras foram dizimadas através do advento das africanas. Que medidas urgentes devem ser tomadas para o soerguimento de nossa apicultura.

No mês de junho do ano em curso, este Relator foi convidado a participar de uma reunião na AGA, e na oportunidade ouviu a manifestação de uma centena de apicultores, todos contrários à abelha africana. Afirmaram, ainda, que com a invasão das mesmas perderam 90% da produção anterior.

Sr. Victor Müller :

Apicultor profissional de Santa Cruz do Sul, que possui mais de 500 colméias, quando a Subcomissão esteve em visita ao apiário de sua propriedade, manifestou-se contrário as abelhas «Adansonii» e entregou à

Subcomissão cópias de cartas recebidas da República Argentina, assinadas pelos Srs. Eng^o Agr^o Luiz Cornejo, da Diretoria de Agricultura do Ministério de Assuntos Agrários da Província de Buenos Aires e do Eng^o Agr^o Moisés Katzenelson, colega do mesmo e através das quais tomamos conhecimento da preocupação daquele país em relação ao problema africano na apicultura. Transcrevemos trechos das cartas: **Cornejo** — «Ahora bien, para mí sería muy importante recibir de usted un informe de lo acontecido en su colmenar desde noviembre de año pasado (carta de 5 de fevereiro de 1971) hasta ahora y sobre todo si ha llegado a cosechar miel, si ha logrado mantener italianizado el colmenar aun y todo lo que usted me puede contar, ya lo digá para mí es muy valioso».

Katzenelson — «... aprovechando la gran experiencia que ya tiene usted sobre las abejas africanas, puedo realizar mis trabajos con más seguridad».

Agora transcrevemos os trechos mais importantes de uma carta de Vistor Müller a Cornejo:

«Fazem dois anos que minha zona foi invadida pelas abelhas africanas, no princípio achei que iam dominá-la, matando os enxames, conforme instruções dos técnicos apícolas do Estado do Rio Grande do Sul, mas os enxames vieram aos milhares, e também opinião de duas autoridades apícolas, não técnicos, que mandaram recolher estes e não exterminá-los, foi a maior causa da atual situação desesperadora que se encontram os profissionais apícolas e continua sendo.

Desde então tudo foi piorando, porque cada terceiro foi instalando colméias, de todos os tipos de caixotes, e sem conhecimento nenhum de criação de abelhas».

«... que não é raro encontrar 50 enxames numa área de 2 ha. Por causa disto a saturação é tanta, que os apiários existentes antes da invasão, que produziam toneladas de mel, foram quase eliminados, porque nenhum conseguiu colher mel, e os profissionais não se podem manter mais, e além disso verem suas colméias atacadas, quase que diariamente e perderem suas melhores rainhas. Tem apicultor que nestes dois anos já eliminaram mais de 300 enxames de abrigos naturais, eu mesmo eliminei, de julho deste ano, até a presente data (carta de 29 de outubro de 1969) mais de 70, e alguns com favor de 2 metros de comprimento (panales de 2 metros de ancho), e nem 50 gr de mel, isto em plena primavera, só cria e mais cria. Existe pessoas sem nenhum conhecimento de apicultura que juntaram mais de 400 enxames de abrigos naturais. Já fomos alertados pelos

técnicos apícolas do Estado, antes da invasão da abelha africana, se caso tal acontecesse, duraria pelo menos de 4 a 5 anos para serem eliminados, para após, surgirem novamente condições aos profissionais.

Mas neste ano um dos técnicos me informou que levaria no mínimo uns 8 anos, e que por enquanto ninguém podia se manter da apicultura, esta afirmação foi novamente confirmada dia 15 do corrente, na presença do Sr. Eng^o Agr^o Moisés Katzenelson, conterrâneo o de V. S^a (Continua no próximo número)

Leia e propague "A COLMÉIA"

O maior jornal de apicultura
com penetração mundial

Continuação da pagina 81. Afric.

gum embaraço com a distribuição da matéria no texto, devido à diferença nos hábitos de raciocinar e associar idéias. Penso refundi-lo, não para melhorá-lo, pois que êle é bom, mas para adaptá-lo ao meu modo de expor as noções, a fim de aumentar a clareza e segurança de minhas palavras.

Com esta vão duas fotos feitas no seu terraço; não ficaram muito boas, já que tínhamos pouca luz; contudo, permitem identificar as pessoas.

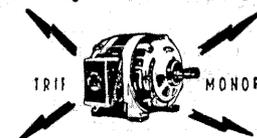
Em relação à sugestão de escrever ao Reitor da Universidade de Santa Maria, embora estando de acordo, ainda não o fiz estou, repito, de pleno acôrod, até entusiasmado, com a idéia da introdução do ensino de apicultura em nível universitário; não conhecendo a pessoa, contudo tenho dúvidas se me expressarei de maneira favorável, ou seja, de forma a produzir o efeito desejado.

Assim, gostaria que me subsidiasse com todos os elementos possíveis, para que eu possa contribuir na motivação para a apicultura, que ambos desejamos.

No aguardo de suas prezadas notícias, subscrevo-me, atenciosamente.

RONALDO

**MOTORES
ELÉTRICOS
E EQUIPAMENTOS**



**PRONTA ENTREGA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA**

FRIEDRICH & REOLON LTDA

AV. ALBERTO BINS, 869
FONE: 24-5138 - P. A.

O MEL

Quando fala-se em mel, entende-se exclusivamente mel de abelha da espécie *Apis Mellifica*. Todo resto de doçura, produzido por outras abelhas: vespas, mangangavas, meliponas e trigonas, não consideramos mel, não tem diastase, sempre tem mais de 25% de água, portanto sem valor alimentício e comercial, muito menos de exportação, apesar que muitos meliponicultores vendem todo produto com medicinal, por causa da grande acidez, que confundem com medicamento.

Não se discute a grande utilidade das meliponas na polinização geral.

Vejamos o que escreve o escritor Rudolph Jacobi, autor do Dicionário Lexicon do Apicultor, sobre o mel: «Quando o leigo fala dele, diz que as abelhas trazem mel, o apicultor sabe que não é bem assim. As abelhas coletam o néctar e o transformam em mel».

O descobridor desta sistemática omderna é o sueco Carl von Linné, cientista, biólogo, naturalista, botânico e pesquisador, nascido em 1707 e falecido em 1778. Criou para as plantas e espécies animais denominações latinas e escreveu um livro de botânica, descrevendo muitas espécies novas.

Linné também errou, quando denominou as abelhas de *Apis Mellifera*, o que quer dizer as carregadoras de mel. Seis anos após, ele reconheceu este erro, tratando então de corrigir o nome de *Apis Mellifera* para *Apis Mellifica*, que é produtora de mel.

A abelha carrega o néctar e deste ela produz mel, transformando-o pelo engrossamento do néctar coletado, com adições de substâncias das glândulas salivares na cabeça das abelhas. O engrossamento do néctar trazido de campos florescidos passa por complicado processo, pelo qual é retirado o excesso de água, ficando somente 20% de substância d'água, com a adição de valorosas substâncias glandulares das abelhas, nas quais fermentos tem apreciáveis importâncias.

Para o Dr. E. Albert Koch, a composição do mel é um trabalho instintivo de laboratório muito importante das abelhas.

O Dr. Enoch Zander demonstra em seu livro, editado juntamente com Karl Koch, livro de extraordinário valor «O MEL», uma fina definição do conceito do mel, dizendo que: «O mel não é uma simples mistura química de substâncias de certas propriedades físicas; porém, um produto, no qual as abelhas sopram um certo alento vital, que se desenvolve, amadurece e envelhece, como um verdadeiro ser vivo».

No código civil de muitos países, diz o seguinte: «Mel é uma substância doce, que é produzida exclusivamente pelas abelhas, através da coleta de essências nectaríferas das plantas e de outras substâncias doces de plantas vivas, enriquecido através de matérias próprias do corpo da abelha, que transforma estas doçuras em mel. Armazenam-no em favos de cera e lá deixam amadurecer».

O mel é um produto de plantas, simultaneamente de abelhas. Com fundamento diz-se: por mel entende-se somente produtos de abelhas; como abelhas, entra em consideração exclusivamente a espécie *Apis Mellifica*.

Em uma célebre reunião de apicultores, na cidade de Ulm, na Alemanha, em 1926, o Prof. Er. Enoch Zander fez uma conferência sobre o valor do mel para a alimentação humana.

Trazemos dois trechos desta conferência, que caracteriza o valor inestimável e insuperável do mel na alimentação.

O Dr. Zander disse com destaque: «No mel, a natureza presenteou-nos com uma das mais preciosas dádivas, a qual consideramos como alimento, com seu ínfimo conteúdo de proteínas e a falta de gorduras, que por si não satisfaz plenamente as necessidades de uma alimentação completa. No mel encontramos uma riqueza em hidratos de carbono: 80%, especialmente em invertase: 65 — 75%, a qual é absorvida sem o pré-aparelho digestivo».

É imediatamente assimilado pelos órgãos digestivos, transformando a absorção de mel em um excelente combustível para calorías e trabalhos cujos ácidos fosfóricos, cálcicos e conteúdo de ferro, perfazem uma excelente formação óssea e sanguínea.

Sobretudo, porém, deve ser o mel considerado pelas suas substâncias aromáticas e estimulantes de seus ácidos e composições de fermentos, como um valoroso e inofensivo alimento que favorece extraordinariamente a ação digestiva de nossos intestinos.

Vejamos agora, o que diz o Prof. Dr. E. Koch sobre o mel. O Prof. Koch foi chefe do Kerkhoff-Instituto, em Bad Neuheim, na Alemanha, dedicou-se durante dezenas de anos às pesquisas do mel e seu significado para a saúde da humanidade. Nasceu em 1892 e faleceu em 1955, conseguiu no inverno de 1947-1948, o descobrimento de substâncias ativas no mel, o qual se chama na medicina «fator colinérgico».

De acôrdo com a pequena obra do Prof. Dr. Koch «Valor Terapêutico do Mel», diz o autor, que se trata aqui do ponto de vista químico

de um «ester-cholin», cujo efeito visível constitui o desenvolvimento da atividade do intestino, por isso se designou como hormônio de movimento do intestino.

Em todo caso, diz o Dr. Koch, o mel contém um harmônio que favorece o acúmulo de combustíveis, portanto, a disposição necessária, dá força aos órgãos para seu perfeito funcionamento.

O Dr. H. Duisberg, de Bremen, em seu discurso no XXIº Congresso de Apicultura, em Maryland, diz que o mel, como outros produtos naturais exerce certas influências sobre o corpo humano, as quais de forma nenhuma devia ser atribuída somente como adicional na alimentação, senão considerado como um fomento para a saúde.

Aqui, deve-se entretanto limitar os efeitos sobre a saúde. Nota-se o benefício, principalmente nas crianças, pessoas idosas e convalescentes. As pessoas de saúde e adultos nem tanto necessitam, portanto, está o mel, no círculo dos consumidores de muita importância.

Quais efeitos do mel poderiam ser de maior importância? É curto e certo que a maioria são baseados em substâncias que oriundas das abelhas.

O que é que tem que ver o mel com a (lua de Mel)?

Tem muito que ver, pois foi do mel que veio este nome. Uma lua são 28 dias, começa em lua cheia, e termina em outra lua cheia. Quando emocionados e felizes os noivos, após o casamento, não podiam conciliar o sono, era praxe tomar um copo de água com mel, bem doce, isto se repetia por muitos dias e noites, vindo daí o nome de «lua de mel».

Diz uma lenda; que quando Alexandre, o Garnde, faleceu de febre malária, puzeram o corpo em uma pipa cheia de mel. Assim o transportaram, numa longa viagem, sem deteriorar.

Os gregos conservavam frutas frescas, carne e peixe em mel. Eles o chamavam de «Manjar dos deuses».

Na Grécia, a apicultura era muito desenvolvida, sabe-se que já usavam favos móveis há 3.000 anos a.C., que se perdeu no tempo, até que foi redescoberto pelo suíço François Huber, e nós usamos novamente com proveito.

Instruam-se em apicultura lendo o melhor livro brasileiro

"APICULTURA"

por Manoel Bernardo de Barros

Pedidos: Livrarias ou

Serviço de Informação Agrícola

Ministério da Agricultura

20.000 — Rio de Janeiro — GB,

O uso da tela excludora

por Lenhart Robert Schirmer

Em primeiro lugar vamos esclarecer para os menos entedidos sobre, o que é a tela excludora. É sabido que numa colméia existem três elementos de tamanho e função diferente, que são, a rainha, poedeira e mãe de todos, o zangão, que é o macho e as operárias, fêmeas também mas de sexo atrofiado e que só se ocupam com as diferentes tarefas numa colméia. No que ao tamanho de cada um destes três elementos se refere, vamos aqui sómente dimensionar o diâmetro torácico de cada uma rainha 4.8 mm., zangão 6mm. e operárias 4mm. Para limitar a área de postura da rainha, era de praxe usar uma tela excludora entre a ninhada e a melgueira. Esta tela excludora é uma armação de madeira com uma tela de arame muito bem feita e com uma medida impecavelmente exata no que a sua distância de um arame ao outro se refere, com uma distância máxima de 4mm. entre um arame e outro, de maneira que só permite a passagem de abelhas operárias ao compartimento superior ou melgueira; e, esta se aplica para impedir que a rainha invada a melgueira com sua postura, e que está destinada só para depósito do nectar pelas abelhas.

Mas o uso desta tela está praticamente abandonado devido seus grandes inconvenientes, e mesmo assim nos chegamos seguidamente apicultores a procura desta tela que hoje em dia se encontra dificilmente. Seu uso só está ainda em uso em casos muito especiais dentro da criação de abelhas.

O motivo de abandono da tela tem suas razões. Uma é que, como deve ser muito bem feita, exata em suas medidas, eleva seu custo, quase a metade do custo de uma câmara de cria; é um elemento delicado, se deforma facilmente e onde há um arame deformado já falhou, e esta falha muitas vezes nem se percebe a olho nu, além disto é muito fragil. Visto que as abelhas colam-na com própolis, é preciso muito cuidado para deslocá-la sem quebrar ou quebrar seu quadro. Já ao simples transporte pode deformar um dos seus arames que é o suficiente para fracassar sua finalidade de uso no apiário.

Outro dos seus inconvenientes é que serve de estorvo à passagem das abelhas que custam a passar

à melgueira se o apicultor não passar antes um quadro de cria à melgueira para forçá-las passar através da cortina que serviu de obstáculo no seu livre trânsito; Em caso do uso de uma tela na abelha africanizada seria inútil pois, muitas rainhas delas são miúdas e passam, e não forçam a descida ficando a ninhada debaixo abandonada.

E o apicultor que pensa botar uma tela para impedir a fuga do enxame, não terá êxito, como no caso da abelha africanizada. pois, suas rainhas são menores; e menos provável ainda se forem rainhas virgens, passam e escapam igual. Um outro grande inconveniente ainda no uso da tela é o espaço que a mesma deixa entre a melgueira e a ninhada. Este espaço em épocas de boas colheitas de mel será totalmente ocupado pela construção de cêra com mel. Só quem já teve oportunidade de encontrar uma construção assim, saberá valorizar seu grande inconveniente, ao ponto de nunca mais querer usar telas separadoras. E para complementar este inconveniente vamos-nos imaginar só em precisar limpar uma tela embolada assim. Nunca mais se limpa a não ser com fogo com o perigo de queimar a armação de madeira ou quando esquenta demais o arame enferrujar. E fica ainda completamente descartado a grande mão de obra que exige o uso e a conservação da tela excludora.

A total superação do uso da tela encontramos na colméia "Schirmer" na qual os favos da melgueira têm uma largura de 40-43 mm., e uma vez construídos estes favos nunca mais haverá postura, além de conservar estes favos para sempre. Sabemos que os favos da ninhada tem uma espessura, determinada pela abelha, de 25 mm., só nesta espessura a rainha porá seus ovos, visto que ela consegue introduzir seu abdomen e depositar o ovo de pé no fundo das celas.

Pondo uma sobre-caixa com favos largos economiza incalculável mão de obra, deixa o passo livre às abelhas entre ninhada e melgueira, dispensando a tela, que significa dupla economia e mantém um estoque de sobre-caixas sempre pronta, exigindo uma vez só mão de obra para o apicultor e também para as abelhas. Quanto significa isto na hora da floração para uma colheita de mel? Diz-se que a abelha alcançando o favo já construído recompensará ao

apicultor com nove vezes mais mel. Importante frisar, que se faz necessário de soldar lâminas inteiras em todos os caixilhos da sobre-caixa, deixando não mais do que 5mm de espaço na parte inferior do caixilho, não encostar embaixo, pois a cêra se dilata com o calor interior quando as abelhas constroem o favo, e quando a laminada já encosta, se dilata e fica um favo defeituoso para sempre, e, deixando o espaço indicado, a lâmina se dilata impede a passagem das abelhas e elas a colam em toda extensão: deixando um espaço maior, as abelhas não fixam o favo e na primeira centrifugação êle reventará. Outro pequeno trabalho. Ao por uma sobre-caixa com lâminas, as abelhas fatalmente começarão a construir na parte central dos favos e em colméias de rainhas jovens e muito poedeiras vai acontecer que ela põe ovos nos favos centrais. Para evitar basta de trocar estes favos já com cria, pelos favos da periferia e ainda não construídos, então a cria nascerá e as abelhas aumentarão os favos na sua espessura dos quadros e não haverá mais postura. Se o fluxo de néctar for muito forte é praticamente desnecessário vigiar pois, as abelhas têm tanta pressa de favos para estocar o néctar, que não darão tempo à rainha de pôr ovos nestes favos, mas não é demais dar uma espiada depois de uma semana posta a sobre-caixa.

Outra extraordinária vantagem da colméia "Schirmer" é que a ninhada sempre ficará embaixo, quando se faz necessário procurar a rainha fatalmente estará em baixo, e só por um acaso ela estará encima, e isso só quando ela fora dar um passeio a procura de mais espaço para a postura, ou num simples passeio de recreio dela, e se neste momento der o caso de se abrir uma colméia pode ser de ela estar encima. Que lindos são os favos grossos de uma melgueira! Que prático e gostoso desopercular e centrifugar favos grossos, e no dia seguinte levá-los outra vez para que as abelhas que aproveitam ainda a floração com favos alcançados já construídos, que em pouco tempo, mais de uma semana, estarão outra vez cheios. E sabemos por farta experiência que o mel de favos destas sobre-caixas, que nunca tiveram postura nestes favos brancos, sairá um mel mais claro e muito mais gostoso.

Caro leitor, você ajudando-me eu também lhe ajudarei, e juntos reergueremos a apicultura Brasileira

EXPLICAÇÃO

Continuação do número anterior

A abelha cinza por causa das Montanhas Rochosas são cinzentas; abelhas amarelas, por causa da areia dos desertos, como por exemplo a abelha Siriaca, Anatólica e no Egito, são parecidas com os areais. No norte da África são rajadas como as rochas do Atlas.

A hoje chamada abelha italiana jamais é italiana de origem, é produto importado há dois mil anos, por ser a abelha parecida com o ouro que todos cobiçam, não porque é a melhor.

O cientista confirmou esta tese como muito provável.

De todas experiências e testes feitos no mundo, com raças de abelhas, a abelha italiana é a mais fraca, muito sujeita a tuberculose, mais sujeita a loque maligna (a este respeito, assisti uma explicação feita pelo Dr. Rothenbuler, nos Estados Unidos, que estava naquele tempo realizando testes de diferentes raças de abelhas. Enxertou loque e outras doenças em núcleos de ensaios, observando a reação das abelhas. A Cárnica, após 4 minutos descobriu a peste e, logo tinham 25 abelhas isolando com bálsamo de pólen o campo infectado. A Italiana levou 30 minutos para descobrir o foco e 3 abelhas se ocuparam com a limpeza.)

Nos Estados Unidos vi, nascer "mutantes" de zangões italianos, cegos, com um toco no lugar da cabeça, quase do tamanho de uma cabeça de alfinete. Considero isto um crime, de genética, fazer esta judiaria, nem que seja em um zangão, que após tres dias é expulso da colméia, se arrasta por aí, até a morte.

Tudo isto eu vi, preciso de mais argumento do que isto? Para criar sempre pedigree? É certo que toda hibridagem sempre trouxe a decadência em tudo que é híbrido ou bastardo.

Em todas as partes, onde foi feito testes com as tres raças de abelhas, a italiana sempre tirou o 3.º lugar. Sendo pura é mansa e bonita. O Sr. Francisco Cardoso da Fonseca lida com suas abelhas italianas, sem véu e sem fumaça, porém o que é mais interessante, também sem ferroada alguma, isto eu vi.

Porém, esta mesma abelha, cruzada com a cárnica fica agressiva, parecida com a africana. A única abelha, com o auxílio de homens apicultores de verdade que podem combater a maldita

abelha do Kerr, é a abelha aurea italiana da tribo Cardoso da Fonseca.

Lá é que devemos buscar nossas armas de combate, não na Italia, ou nas híbridas americanas. Se nossos homens não querem ouvir a voz da experiência, teremos por longo tempo, negros dias na apicultura brasileira, tão desrespeitada, por ambição de um genetista, que escreveu, em papel timbrado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, entre outras asneiras, o seguinte: a gente se mata feito um burro, para se projetar na genética." Isto está escrito e assinado. Querem mais provas? Tenho-as.

O nosso objetivo é o extermínio da abelha bastarda do Kerr, mas como podemos exterminá-la; se este ainda mantém o posto e irradiação?

Vamos ao fato, a abelha africana não tem convivência pacífica com a carnica, ou caucasica, porém aceita as rainhas italianas, porque é prima irmã da abelha italiana, é feroz como o diabo. Em resumo! sómente com a abelha italiana pode-se combater a abelha do Kerr e isto, ainda não pode ser com a híbrida comercial.

Temos de fazer, em diversos lugares do Brasil, no norte da Argentina e Paraguai criadouros da abelha italiana, da tribo Fonseca, sempre em seleção e tratar de conseguir fazer matrizes pedigree Com 4 rainhas puras, por estado, pode-se fazer matrizes pedigree, É só estudar bem a página central do 1.º número de "A Colméia" onde não explica como fazer matrizes pedigree, porém explica como estas matrizes são usadas, para desafrikanizar a apicultura.

A abelha do Kerr não vai ao clima frio, parte do Rio Grande do Sul, Uruguai e parte da Argentina jamais serão afetadas por esta maligna abelha.

Este negócio de a abelha africana trabalhar com frio, é frio mesmo, é bobagem. Observei com 29°C de temperatura que estas morrem de frio. Havia zonas onde esta abelha saqueava as abelhas do lugar, ela sobreviveu no primeiro inverno, onde não houve temperatura abaixo de zero.

Em clima onde o inverno é rigoroso a abelha do Kerr se extermína sozinha. Recebi um recorte de um jornal americano, onde transmite as mentiras do Kerr, que a abelha africana produz 80% mais mel que as outras. Chega destas mentiras!

O Walstreet Journal Eastern Edition, de 13 de setembro de 1971 queira ter a bondade de retificar

a mentira sobre os abelhas do Kerr. Sr. Barry Kraemer, redator do The Wallstret Journal, Washington, queira informar aos seus leitores que as vantagens da abelha bastarda do Kerr é pura mentira, elas não produzem, nunca produziram 5% de mel, das outras abelhas, a cera que produzem é mais de 30% de sujeira. Informe também que esta abelha Adansonii do Kerr nunca vai entrar nos Estados Unidos sozinha.

Diga a verdade, que o Kerr pretende justificar um crime, mentindo e se exaltando e que realmente nunca entendeu de abelhas. Nunca soube que a abelha preta que ele mencionou nunca existiu no Brasil, diga ao mundo, que em 1600, do Brasil já se exportava mel e cera.

Jornalistas de todo o mundo! Transcrevem para todos saberem a verdade sobre o assassinato de nossa florescente apicultura, pelo feito irresponsável, trazendo para o Brasil uma praga, uma abelha assassina, da nossa abelha cinzenta, de animais de pequeno e grande porte, inclusive vidas humanas.

Leiam com muita atenção os capítulos do grande apicultor, Sr. Arménio Alvim Barroso, sobre abelhas africanas, e a carta do Dr. Ronaldo de São Paulo.

Bruno Schirmer

ESCREVE O LEITOR

Meretíssimo amigo:

Cada novo número d'A Colméia, chega melhor. Há que render-lhe a homenagem que merece, e o faço com prazer e agradecido, pelo variado material inserido em cada exemplar do seu jornal, leitura que me tem injetado otimismo que ia morrendo. Especialmente, soube-me como uma iguaria fina, a leitura do seu Diário de Viagem!

Não é comum um dinamismo, um dom de observação, encontrarem-se assim combinados no alto grau que o senhor nos oferece n'A Colméia, apenas por Cr\$ 10,00 por anol

Esta perseverança, é bem própria de seus antepassados, e não me surpreende. Vou colecionando A Colméia com extremo zelo porque, o Senhor põe, neste "prato", os condimentos secretos de um mestre ouca out side.

O jornal ainda nasceu outro dia, e tenro assim como é de idade. já plasma na sua variada matéria, o espanto dos meninos prodígios que falam muitos idiomas ou regem as sinfo-filarmonias. Foi pena que este jornal só agora tivesse aparecido. Foi talvez(?), o único benefício da abelha africana. Na secção "Escreve o Leitor", gostei do "Alô Desconhecido da Estação D. Pedro II"...

Um abraço do seu admirador

Arménio Alvim Barroso

Leia e propague A "COLMÉIA"

O jornal de maior circulação e único no genero neste país.